



Edições Vercial

Histórias de Natal

Fernanda Macahiba
José Leon Machado

Histórias de Natal

José Leon Machado

e

Fernanda Macahiba

2010

Edições Vercial

Saturnalia

José Leon Machado

O mercado de Brácará Augusta ficava junto ao templo de Júpiter. Na manhã do nono dia antes das calendas de Janeiro, foi mais concorrido do que o habitual. Toda a gente da cidade e arredores ali afluiu a comprar presentes para oferecer na festa em honra de Saturno, o deus do tempo. Basílio, o mercador de perfumes, não teve mãos a medir, aviando frascos de aloés, nardo, mirra e cinamomo. Os clientes eram sobretudo *pater familias* e jovens comprometidos, que daquele modo pretendiam agradar às matronas, às mães, às noivas, à amante secreta, a uma escrava.

Nos últimos anos, Basílio guiava a carroça puxada pelas suas mulas até Brácará Augusta. Partia três meses antes de Emérita Augusta, a capital da Lusitânia, parava em Salamântica, subia a Astúrica, dirigia-se a Aquae Flaviae e descia até Brácará. Depois era a viagem de regresso: Portus Cale, Talábriga, Aeminium, Conímbriga, Collipo, Scálabis, Olísipo, Ébora e novamente Emérita Augusta, onde tinha o seu armazém de perfumes importados do Oriente. Acompanhava-o Virónio, um escravo que ele havia libertado alguns anos antes, quando se convertera à doutrina do nazareno.

Também Basílio tinha sido escravo. Nascera em casa de um mercador romano de Nova Cartago, filho do escravo grego que servia como secretário

do senhor, e de uma escrava indígena. O pai deralhe o nome de Basílio, com a devida autorização de Marco Hostílio Mancino, o senhor. Basílio significava rei em grego e o pai, sabendo embora que ele próprio morreria escravo, tinha a esperança de que o filho viesse um dia a ganhar a sua liberdade e ser, não só um cidadão romano, mas alguém poderoso e importante. O pai morreria entretanto, vítima de um ataque de coração. O senhor, no testamento, coisas que só acontecem por milagre, e todos os louvores que Basílio desse a Deus não eram suficientes, o senhor, dizia-se, deu ordem para, à sua morte, todos os escravos serem libertados e a cada um deles atribuiu um dote de dois mil sestércios.

Basílio, com menos de vinte anos, viu-se um homem livre e com uma boa quantia no alforge. Pegou na mãe e, porque ouvira falar de boas oportunidades de negócio na capital da Lusitânia, para lá se dirigiu. Alugou uma casa com um baixo e montou um comércio de perfumes. Os conhecimentos que adquirira no convívio com o pai e com o senhor deram-lhe experiência suficiente para ter êxito. Daí a pouco tempo, quase todas as matronas de Emérita Augusta passaram a disfarçar os inconvenientes odores da transpiração, da menstruação e afins com as doces fragrâncias importadas do Egito e da Síria.

A mãe, Dovaena, começou entretanto a pressioná-lo para que arranjasse noiva e lhe desse a felicidade de ter netos. Mas Basílio estava mais interessado nos negócios e nos livros, a sua paixão

particular, do que andar atrás das túnicas e das estolas da população feminina de Emérita. Gostava de ler Platão no original e almejava um dia vir a frequentar uma escola de retórica em Roma ou noutra cidade de Itália. Reconhecia, porém, ser um sonho de improvável realização. Os deuses davam a cada um o seu destino e o dele era vender perfumes, fazendo a felicidade das mulheres emeritenses que os usavam e dos homens que por eles as admiravam e as amavam.

Pouco antes do incêndio de Roma que Nero atribuiu aos cristãos, passara por Emérita Augusta um homem que afirmava ser discípulo de um judeu grego chamado Paulo. Esteve na cidade algumas semanas e muita gente acorria a uma casa de um velho senhor romano para o ouvir. A mãe, por sugestão de amigas, também começou a frequentar as reuniões e tentou convencê-lo a ir. A Basílio não lhe apetecia ouvir um charlatão que vinha falar de uma qualquer religião oriental que andava na moda. Os diálogos de Platão estavam cheios de gente dessa laia e ele disse à mãe que tinha mais que fazer. Mas perante a sua insistência, acabou por aceder a ir ouvir o homem. Era um mercador como ele, que falava grego e latim. Basílio escutou-o durante cerca de uma hora, sentado a um canto da sala cheia de gente de todos os extractos sociais e de todas as idades: cavaleiros, tribunos, legados imperiais, comerciantes, físicos, advogados, escravos, matronas, donzelas e crianças. Nunca tinha visto, para seu espanto, gente tão díspar

reunida no mesmo lugar, partilhando assentos e suores, como se de uma família se tratasse.

O mercador era cristão e falou de um judeu chamado Jesus morto na cruz por pregar a paz e o amor entre os homens. Falou de coisas simples, que toda a gente facilmente entendia. E foi nessa simplicidade que Basílio descobriu algo que não se encontrava nos livros de Platão. A felicidade do homem não estava na sabedoria ou nos bens materiais, mas na capacidade que temos em nos darmos a nós próprios aos outros. Será moroso contar os detalhes que levaram à conversão de Basílio. Ele gostava, quando se dirigia aos irmãos, de resumir a sua conversão nestas palavras: «Jesus Cristo me iluminou.»

A comunidade cristã em Emérita cresceu e ele foi baptizado, juntamente com a mãe, no rio Anas, junto à muralha. Daí a pouco tempo era um dos principais ministros da comunidade. Um dos deveres de um cristão é levar a boa nova a todos os povos da terra. Basílio atendeu ao chamamento e pôs-se a caminho, percorrendo as estradas da Lusitânia e da Província Tarraconense, fundando comunidades por onde passava, dando vigor a outras. Tornou-se num orador influente e as pessoas ouviam-no com prazer.

Alguns cristãos tinham reservas a seu respeito, não tanto pela profissão de mercador em si, mas mais pelo tipo de produtos que vendia. Os perfumes representavam, para estes cristãos mais intolerantes, o pecado e a vaidade. Basílio não concordava. Explicava, quando tinha oportunidade

de o fazer, que Jesus Cristo por várias vezes se perfumara ou o perfumaram. Além disso, os três magos, quando nasceu, ofertaram-lhe incenso e mirra. Não se cansava de dizer que o Salvador viera falar de amor e não de ódio, de paz e não de guerra, de luz e não de escuridão, de alegria e não de tristeza. Os cristãos diferenciavam-se de todos os outros pela alegria no olhar, pelo ar de festa, pelas roupas limpas, pelo cheiro a flores, a Primavera, a vida. Porque Jesus Cristo ressuscitou. A vida de cada um deveria ser o testemunho desse prodígio. Saturno, deus do tempo, e Júpiter, seu filho, deus do raio e do trovão, não ensombrariam nunca mais o coração de um cristão. Porque o único deus vivo e verdadeiro feito homem era Jesus Cristo.

A comunidade cristã em Brácará Augusta, embora não fosse numerosa, estava em franco crescimento, vindo a tornar-se, dentro de pouco tempo, uma das mais importantes da Lusitânia e da Província Tarraconense. Sempre que Basílio por ali passava, era convidado a presidir à oração comunitária, que normalmente se realizava num pequeno armazém devoluto próximo do mercado. Embora não fosse o fundador, era sem dúvida o seu grande impulsionador.

O mercado começou a ficar deserto pouco antes do pôr-do-sol. O frio afugentou os clientes. Os mercadores arrumaram o que não venderam e carregaram as carroças. Como era noite de festa, acenderam uma pequena fogueira – o prefeito da cidade tinha proibido as grandes fogueiras por

causa do risco de incêndio – e prepararam-se para passar o serão à volta dela embrulhados numa manta. Durante a noite, arrancariam em direcção a Salácia, a cerca de oito milhas de Brácará, para tentarem chegar a tempo de montarem as tendas na manhã seguinte.

Basílio, com a ajuda de Virónio, arrumou os pequenos frascos de perfume nas caixas de madeira, entre feno seco para não quebrarem, e pediu ao ex-escravo para tomar conta da carroça e da mula. Depois dirigiu-se ao armazém que servia de local de reunião dos cristãos bracarenses. Virónio juntou-se aos outros mercadores e ali ficou a partilhar uma ânfora de bagaço que passava de mão e mão e a ouvir as últimas anedotas sobre Vespasiano, o novo imperador. Tinha, dizia-se, uma costela de mercador e era mais forreta do que Mercúrio.

– Pelo menos não era como Nero – comentou um dos mercadores que vendia lucernas de barro com relevos eróticos e que naquele dia fizera bom negócio com elas. – Não aliviaria os cofres ao estado para construir um palácio maior do que o Campo de Marte em Roma.

– E como sabes tu o tamanho do Campo de Marte, se nunca estiveste em Roma? – questionou o colega do lado, que negociava em panos.

– Toda a gente sabe de que tamanho é o Campo de Marte, mesmo sem lá nunca ter estado – respondeu o outro.

– Ai sim? E então é de que tamanho? – insistiu o mercador de panos.

– Do tamanho disto – respondeu o primeiro apontando para o entre-pernas.

Todos se riram, mas o segundo não se deu por vencido e acrescentou:

– Se é do tamanho disso, então é bem pequeno.

Basílio, entretanto, encontrou no armazém Décio Júnio Turolo, um dos cristãos da comunidade bracarense, meio brácaro, meio romano, que costumava zelar pelo lugar. Ambos se oscularam com afecto e alegria. Décio Júnio disse-lhe que a cerimónia estava marcada para daí a uma vigília e que tinha ainda tempo de cear. Convidou-o para a sua casa. Basílio não se deu por rogado e acompanhou o brácaro. A casa ficava numa das ruelas próximas.

Décio Júnio Turolo, centurião veterano da Legião X Gémea, assemelhava-se ao velho Ulisses quando chegou a Ítaca depois da guerra de Tróia. Tinha o cabelo encanecido e as faces e os braços pareciam mapas de cicatrizes das muitas escaramuças e batalhas onde, por dever, tivera de lutar. Quando voltara depois do serviço militar cumprido, trouxera para Brácara a sua fé em Jesus Cristo e fora ele o verdadeiro fundador da comunidade.

Basílio saudou a família, bastante numerosa, e permitiu-se dizer o pai-nosso antes de se dar início à ceia. Todos se sentaram à volta de uma mesa repleta de iguarias: frutos secos, queijo, pão, *garum*, carnes assadas, doces, leite de cabra, cerveja e vinho. Ao contrário dos Romanos, os

Brácaros comiam sentados, posição mais conforme a um bom cristão. Jesus Cristo, tanto quanto se sabia, comera sentado e não deitado.

Depois da ceia, houve troca de presentes. Este hábito pagão, próprio da festa das *Saturnalia*, manteve-se, mas num contexto religioso totalmente novo. Coincidência ou não, a comemoração do nascimento de Jesus Cristo calhava na altura da festa em honra do deus Saturno.

A Basílio ofertaram-lhe uns calções de lã.

– Para passar o Inverno, nada como uns calções brácaros! – exclamou o *pater familias*. – A túnica deixa passar o frio por baixo. Com isto o irmão Basílio poderá ir até ao fim do mundo, que não sentirá, pelo menos nas pernas e um pouco mais acima, uma aragem que seja.

Basílio agradeceu a oferta e disse que os cristãos de Brácara Augusta eram como os pastores que acudiram ao nascimento do Menino em Belém. Também ele, ali, naquela noite gélida de Dezembro, se sentiu frio e fome, depressa se recompôs com a caridade e a bondade dos irmãos em Cristo Jesus.

Àquela hora, nas casas dos que não eram cristãos, trocavam-se também presentes em nome de Saturno e os senhores serviam os escravos à mesa.

A vigília passou e os cristãos dirigiram-se, adultos e crianças, para o armazém onde se realizaria a cerimónia de comemoração do nascimento do Menino. Era a primeira vez que ali se fazia. A filha mais velha de Décio Júnio, que

casara nesse ano, dera à luz uma semana antes. Basílio fizera questão de que o pai, a mãe e o recém-nascido estivessem presentes. Seria para todos um testemunho autêntico do nascimento do Salvador. O facto de a criança ser uma menina causou algum desapontamento nalguns cristãos mais velhos. Todos, porém, se maravilharam com o relato que Basílio fez do nascimento do Salvador, inspirado no fresco vivo de uma família, talvez não tão santa como a de Belém, mas certamente tão bela e encantadora como a primeira. Terminou dizendo:

– Sempre que uma criança nasce, é o Deus Menino que nasce. Sempre que um homem renasce, é Jesus Cristo que ressuscita.

.....

(Continua)

Madelonnettes de Paris

Fernanda Macahiba

Aqueles eram dias difíceis de Revolução. Dominique Christine, noviça da ordem das filhas de Maria Madalena, respirava com dificuldade, prensada entre a parede e a porta da sacristia do convento das Madelonnettes, ou das Madalenazinhas de Paris sob o impacto dos sons de tiros e pensamentos impróprios.

Desde 1789, a França vivia um período de transição política, ou seja, há dez anos havia começado sua tortura. Filha de nobres da corte francesa, Dominique não tinha vocação para coisas de mulheres, segundo os pais. Não nascera com dons para a hipocrisia, ou seja, para desempenhar o papel de esposa obediente que freqüentava missas e ao mesmo tempo praticava atos hereges com maridos alheios e empregados. Muito menos sentia inclinação à vida religiosa, que também exigia obediência cega a todo tipo de disparates. Sua pretensão era viver em paz na casa da família em Marselle, sem se sujeitar a quem quer que fosse.

No entanto, ameaçados pelo povo, que tinha razões para tal, seus pais e amigos fugiram para Nice, na tentativa de não serem caçados e mortos por uma população que via os cofres da nobreza e do clero engordarem enquanto uma maioria passava fome numa cidade que perdia sua

tradicional configuração e cedia lugar a uma paisagem repleta de fábricas.

A fuga fora infrutífera. A Revolução tomava conta de toda a França.

Enquanto ainda podiam dispor de muito dinheiro, os pais de Dominique tomaram uma decisão à sua revelia: seria internada no convento.

Ironicamente, o local escolhido havia sido fundado em 1618 por um comerciante de vinhos que pretendia dar uma lição de moral às prostitutas, levando-as ao caminho da redenção. Ajudado por M. Du Pont, cura da Igreja Saint-Nicolas des Champs, do padre capuchinho Athanase Molé e de um oficial da Guarda do Rei, M. De Fresne, amigo íntimo de São Vicente de Paula, ele obteve êxito em sua empreita. Ideal perfeito para práticas que precisavam ser encobertas pelo verniz social.

Com o tempo e a idéia de formar um verdadeiro convento, com o apoio de Luís XIII e do Papa Urbano, em 1631, foram construídos diversos edifícios e em 1680 erigiram uma igreja no local, transformando-o num reduto de pecadoras que escolheram o caminho da salvação. Ali eram encarceradas a pedido do rei, mulheres com suspeitas de má conduta, que eram orientadas por aquelas que já haviam adquirido cotas suficientes para garantir a entrada no céu.

Até mesmo a famosa cortesã Ninon de Lenclos foi hóspede ali em 1657. Tal acontecimento ficou marcado na história, quando homens de diversas famílias nobres se uniram para

pagar uma pensão às religiosas para que libertassem sua amada.

Ali residiam diversas categorias de pensionistas, na época de Dominique: as irmãs de Santa Madalena, que usavam hábito branco e pronunciaram votos solenes; as irmãs de Santa Marta, de hábito cinza, que juravam votos simples, mas poderiam ascender à ordem de Santa Madalena após dois anos de noviciado, e as irmãs de São Lázaro, que estavam ali, geralmente, contra sua vontade e usavam hábito secular com o rosto coberto por tafetá negro.

Dominique figurava o último dos casos. Fora praticamente arrastada pelas portas do convento aos gritos, enquanto o pai, diplomaticamente, tentava fazê-la ouvir a voz da razão. Estavam todos condenados. Ao menos o povo ainda respeitava aquele convento, ao contrário de tantos outros que ostentavam riqueza. Aquele seria um local seguro para que ela se protegesse da raiva popular. Com o passar dos anos, descobriu que ele estava certo em suas suposições. Fora a única sobrevivente da família.

Não gostava de imaginar as cenas de torturas descritas por aqueles que conviviam com o povo exaltado e desenvolvera a prática da oração como paliativo para as dores de alma e saudades que sentia dos tempos em que podia sonhar com uma vida em família.

Irmã Sophie a liberara dos votos e dera a ela um prazo para que pensasse no futuro e tomasse as decisões e caminhos que seguiria em sua vida.

Poderia ser preceptora dos filhos dos burgueses em ascensão, pois, apesar das críticas à nobreza, queriam ter tudo aquilo que os nobres possuíam: dinheiro, prazeres e cultura. E, com exceção dos prazeres da carne, Dominique poderia orientar e formar qualquer criança para ser uma réplica dos pequenos da nobreza. Mas esse tipo de vida não a atraía. Preferia estar protegida pela instituição da igreja a sair sozinha num mundo violento e sem dinheiro algum para comprar sua paz. Os pais, antes de perderem a fortuna, fizeram uma doação para a ordem a qual pertencia. Portanto, tinha direito de usufruir os pequenos luxos que o convento propiciava. Eram migalhas em comparação com a vida que levava fora daqueles muros, mas a proteção que recebia dos religiosos compensava qualquer eventualidade inesperada que surgisse.

Sua vida resumia-se a cumprir as horas canônicas, cuidar da horta, estudar o latim e dormir na missa celebrada três vezes na semana pelo caquético padre Jean Baptiste.

Mas o velho sacerdote, inesperadamente num novembro de 1799, fechou os olhos para nunca mais os abrir.

Com a desordem instaurada, ficava cada dia mais difícil encontrar um clérigo que quisesse estar em plena Paris, entre tiros, mortes e esquartejamentos. Entretanto, as boas almas existem e entre elas estava a de padre Armand de Pisan, que tinha pouco mais que a idade de

Dominique. A moça, na época, contava 25 primaveras.

Fora encarregada por irmã Sophie de receber o novo sacerdote e preparar os paramentos necessários para o ministério da Eucaristia. Odiava aquele incômodo véu negro de tafetá que distorcia as figuras. Sua vontade era tirá-lo para poder ser uma anfitriã digna. Sugeriu isso a sua superiora que rechaçou sua idéia e alertou:

– Não esqueça de que não está numa corte e sim numa casa de Deus.

Acrescentou que mesmo Jesus apreciaria uma boa acolhida, carregou a negrura de seu hábito para a porta do convento.

Padre Armand, contra sua vontade, esperava na porta. Já havia chamado um sem números de vezes e sua vontade era dar meia volta e dirigir-se à sua morada anterior. Era um homem que respeitava a vida que havia escolhido e não achava prudente a ordem de seu superior que, devido aos desmandos e violência da revolução, conseguira persuadir irmã Sophie a abrigá-lo entre as noviças e freiras. Um padre não devia dormir sob o mesmo teto que mulheres, mesmo que essas fossem filhas de Cristo.

Pedira perdão a Deus e aceitara a incumbência. As missas passariam a ser diárias, pois agora contavam com um padre no local.

O povo certamente buscaria as palavras de Deus e encheria os bancos da igreja às 18h00, após cometer todo tipo de brutalidades. Talvez precisasse do perdão para poder pecar mais no dia seguinte.

Estava o padre a pensar nessas coisas, quando viu uma freira resmungando e tropeçando no hábito vindo em sua direção. Pobre mulher! Deve ter idade avançada, concluiu. Mal sabia que a freira em questão era mais nova do que ele e, mesmo após dez anos de hábito, não aprendia como andar sem enrolar-se nas camadas de saias com as sandálias maiores que seus pés e com as tiras de couro frouxas devido ao uso contínuo.

– Salve Maria, padre. Seja bem vindo ao nosso convento. Meu nome é Dominique Christine.

– Salve Maria, irmã. Sou padre Armand de Pisan, como bem deve saber.

– Eu lhe mostrarei seus aposentos. Deve estar cansado da viagem. Teremos uma sopa para o jantar. Como sabe, é cada dia mais difícil encontrar alimentos na cidade. Temos, com a graça de Deus, legumes de nossa horta. Aqui estará protegido da horda violenta e da fome.

Em silêncio, seguiram para a ala dos dormitórios. O padre pensava que a voz melodiosa daquela freira não condizia com sua aparência. Mas o que podia dizer de seu aspecto, sendo que o hábito cobria até mesmo sua face? Irmã Dominique, por seu turno, esperava um velho reumático e não um padre com semblante e físico de militar. Aquilo poderia causar problemas dentro da instituição. Riu para si mesma pensando que estava a variar das idéias. Como um homem de batina poderia lembrar-lhe os militares napoleônicos, com aquelas calças justas e espadas embainhadas?

Nas semanas seguintes, inutilmente, padre Armand falava sobre a irmandade entre as pessoas, a solidariedade e igualdade entre aqueles de classe social diferente. Segundo Jesus, todos somos irmãos, dizia. Gastava saliva, tempo e oratória para as moscas, pois percebia a surdez de alma daquelas pessoas alucinadas por um lema que não seguiam precisamente.

Certo dia, encontrara os paramentos muito organizados na sacristia e, quando entrara, esbarrara em irmã Dominique. Só podia ser ela, com aquele andar andrajoso e resmungos ininterruptos. Porque haveria escolhido a vida religiosa se vivia para queixar-se? Um dia descobriria. Talvez fosse seu confessor.

Estavam em fins de novembro e na terceira semana de dezembro daria início ao rito confessional, para que se preparassem para as festividades natalinas com a alma livre de pecados. Apenas não sabia como faria ele próprio para confessar seus erros, pois os padres que conhecia, ou estavam mortos, ou haviam fugido de Paris como o diabo foge da cruz.

Sempre que terminava a missa, voltava aos seus aposentos. Não apreciava a vida ociosa. Pensava em propor um grupo de estudos para as senhoras do convento. Era versado em Latim e soubera que a professora do local andara a queixar-se da falta de jeito das alunas. E sabia, por experiência própria, que, quando uma turma inteira não ia bem nos estudos, a culpa não era necessariamente dos alunos. Não queria alimentar

inimizades, mas falaria com irmã Catherine, a professora de Latim, sobre ser seu auxiliar.

A sugestão fora acatada com entusiasmo pelas noviças e freiras, que passaram a ser mais devotas do padre do que do próprio Cristo. Por todo canto ouviam-se suspiros que poderiam caracterizar-se como apaixonados, não fosse o local e a situação das senhoras.

.....

(Continua)

Para continuar a ler esta obra, contacte as Edições Vercial ou dirija-se à Amazon.

Título: *Histórias de Natal*

© Copyright José Leon Machado e Fernanda Macahiba

Ilustração da capa: Fernanda Macahiba

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Braga, 2010

ISBN: 978-989-8392-68-8

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>
